International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-13, Issue-2; Feb, 2026
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.132.7

Decolonial Linguistics: From Fanon to Linguistic Phenomena Linked to the Historical Transformation of the Zone of Non-Being in the Global South

A linguística decolonial: De Fanon aos fenômenos linguísticos ligados à transformação histórica da zona do não-ser em Sul Global

Alex Pereira de Araújo[1,2]

[1]Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Brasil
Email: alex.p.araujo@ufms.br
[2]O presente trabalho foi realizado com apoio institucional da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS/MEC – Brasil.

Received: 14 Jan 2026,

Received in revised form: 17 Feb 2026,

Accepted: 22 Feb 2026,

Available online: 26 Feb 2026

©2026 The Author(s). Published by AI Publication. This is an open-access article under the CC BY license (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

***Keywords*— decolonial linguistics; glottopolitics; zone of non-being; monolingualism; multiculturalism.**

***Palavras-chave*— linguística decolonial; glotopolíticas; zona do não-ser; monolinguismo; multiculturalidades.**

***Abstract*—** *This work promotes a discussion about decolonial linguistics focused on the linguistic phenomena involved in the decolonization processes of the zone of non-being in this historical moment that witnesses the rise of the Global South as a counter-colonial, multicultural force that relies on multilateralism in geopolitical terms. Using the theoretical framework of pragmatic discourse analysis, this discussion seeks to show how Fanon and Aimé Césaire were able to lay the foundations for this alternative linguistics by highlighting, in their discourses, the ways in which language was used to subjugate bodies used in the exploitation of the riches of Africa, America, and Asia. The work developed by Labov on the linguistic discrimination suffered by African Americans also appears in the course of this discussion. Here, discourses are taken in their material reality as spoken or written things, that is, as social practices linked to specific cosmologies (or worldviews).*

***Resumo*—** *Este trabalho promove uma discussão acerca da linguística decolonial voltada para os fenômenos linguísticos que envolvem os processos de descolonização da zona do não-ser nesse momento histórico que assiste à ascensão do Sul Global como força contracolonial, multicultural que se apoia no multilateralismo, em termos geopolíticos. Sob o aporte teórico da análise pragmática do discurso, a presente discussão procura mostrar como Fanon e Aimé Césaire foram capazes de lançar as bases dessa outra linguística ao evidenciar, em seus discursos, os modos como a linguagem foi usada para assujeitar corpos usados na exploração das riquezas de África, América e da Ásia. O trabalho desenvolvido por Labov acerca da descriminação linguística sofrida pelos*

afro-americanos também aparece no percurso dessa discussão. Aqui, os discursos são tomados em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita, ou seja, como prática social ligada a determinadas cosmologias (ou visões de mundo).

I. INTRODUCTION

Este trabalho enuncia uma brevíssima discussão sobre a linguística decolonial que estaria a cargo de lidar com fenômenos que envolvem a descolonização dos atos de linguagens [as práticas discursivas e não-discursivas], não apenas nas regiões da zona do não-ser, em sua transformação histórica em Sul Global, mas em enclaves ou áreas descontínuas desta zona como bairros para imigrantes e negros em países como a França, Inglaterra, EUA, Alemanha onde há também uma forte tensão entre as colonialidades do saber e do ser em decorrência de tal processo de descolonização (Quijano, 2009; Mignolo, 2019; Mufwene, 2020; Araújo, 2025a, 2025b). Por isso, busca-se responder de que modo se pode falar em uma linguística decolonial, tomando como ponto de partida os trabalhos de Aimé Césaire (2020), Frantz Fanon (2008; 2022), Derrida (2001), Quijano (2009), Labov (1982), Mignolo (2019), Makoni e Meinhof (2006), Mufwene (2020), Thiong'o (2025), Gnerre (1994), Lélia Gonzales (2020; 2022), Sousa Santos (2007), Nêgo Bispo (Santos, 2015, 2023), Araújo (2022, 2025a, 2025b, 2026).

Assim como a linguística crítica, ela questiona o conceito imanente de língua e o monolinguismo, historicamente, construído sob força de Lei, ou seja, pelas políticas linguísticas dos estados modernos que defendiam a ideia de que deveria haver apenas uma língua para cada nação-estado (cf. Gnerre, 1994; Rajagopalan, 2003a; Derrida, 2001; Makoni, 2006). Contudo, vai além de tais questionamentos ao propor um deslocamento epistemológico maior para lidar com os efeitos linguísticos nocivos que estão ligados ao abismo existencial, criado com e para a zona do não-ser (cf. Fanon, 2008; 2022).

Então, tem-se aqui uma discussão teórico-analítica cujos contornos políticos procuram demonstrar os riscos do traçado dessa linguística que se apresenta como uma encruza para descolonizar o próprio pensamento linguístico das amarras da hegemonia monolíngue com base nos estudos decoloniais, rumo a um novo humanismo, a uma nova linguagem. Portanto, a linguística decolonial apresenta-se como um projeto que surge a partir de um gesto de Frantz Fanon materializado em sua obra Pele Negra: máscaras brancas cuja análise demonstra como corpos negros foram arruinados pela linguagem em práticas discursivas que os inferiorizaram usado a cor da pele (cf. Fanon, 2008).

Essa sua análise, embora tivesse uma preocupação psicanalítica sobre o problema do desequilíbrio da saúde mental do negro provocado pelo complexo de inferioridade epidérmica, não só foi capaz de "revelar anomalias afetivas pela estrutura dos complexos" (Fanon, 2008, p.27), como também demonstrou como a língua do colonizador foi usada como um dispositivo colonial para impor o desvio existencial aos homens e mulheres, e tratá-los como sub-humanos (Krenak, 2020 apud Araújo, 2022).

A utilização desse dispositivo linguístico foi crucial para forjar a zona do não-ser, o que demonstra a importância da linguagem nesse processo apresentado como "civilizador". Logo, "todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana" (Fanon, 2008, p. 34). Portanto, foi com a ajuda da linguagem que o colonialismo buscou transformar o mundo colonial na zona do não-ser em meio a violência física e psicológica.

De certo modo, a discussão promovida por Fanon (2008) se soma a Aimé Césaire em sua crítica denunciante contra o colonialismo europeu e a seu pseudo-humanismo moldado nesse desvio existencial que conhecemos como racismo, o qual se valeu da seguinte "equação: colonização = coisificação" (Césaire, 2020, p.24) para confiscar terras, esvaziar sociedades de si mesmas, solapar instituições, destruir culturas, roubar riquezas, intimidando, humilhando, estuprando, matando e descivilizando o próprio colonizador (Césaire, 2020). É nesse sentido que Césaire rebate o discurso colonial, dizendo assim:

A colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente tende a modificar a pessoa que o empreende; o colonizador, ao acostumar-se ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transforma, ele próprio, em animal (Césaire, 2020, p.23).

Então, "são evidencias objetivas que dão conta da realidade" (Fanon, 2008, p.33) e que mostram a necessidade de dar continuidade ao processo de descolonização com a constituição de uma linguística

voltada à violência da linguagem que forjou a zona do não-ser ao produzir o abismo existencial de que fala Fanon (2008).

Aqui, retoma-se aquilo que foi enunciado nas discussões anteriores com o intuito de ampliar o debate sobre tal linguística cujo compromisso político ou apelo social diz respeito ao ato de atender as demandas dessa fase da descolonização, compreendendo como se rompe com os padrões linguísticos, forjados a ferro e fogo, pelo discurso colonial que criou o abismo existencial para os não-brancos na zona do não-ser e, ao mesmo tempo, contribuindo com a reconstituição da ecologia comunicacional na zona do não-ser para reverter os efeitos nocivos da violência colonial que perduram por meio das colonialidades linguísticas (Quijano, 2009; Mignolo, 2020; Araújo, 2025a, 2025b), sem esquecer que, no caso de países como Brasil, “as condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados” (Gonzáles, 2022, p.21).

A linguística, enquanto meio disciplinador de seus discursos e de suas práticas, teve um papel importante nesses condicionamentos, assim como a gramatização das línguas que a precede (Araújo, 2025b), tendo em vista que ela desde o início se comprometeu com os valores burgueses, ou seja, com o liberalismo europeu, a medida em que descrevia as línguas para que os europeus continuassem a dominar os povos na zona do não-ser. A linguística decolonial vai na direção oposta, voltando-se para os fenômenos ligados à transformação da zona do não-ser em Sul Global, como se verá mais adiante. Para tanto, recorre-se a análise pragmática-discursiva como meio para desmascarar a vontade de verdade que domina nossa vontade de saber e as disciplinas, no caso, aqui, a linguística imanente (cf. Foucault, 1996; Araújo, 2020).

The introduction of the paper should explain the nature of the problem, previous work, purpose, and the contribution of the paper. The contents of each section may be provided to understand easily about the paper.

II. A DISCUSSÃO: OS DISCURSOS [COMO OBJETO] E O MÉTODO

Tomando, então, os discursos como objeto material em sua realidade empírica de coisa observável e socialmente construída, controlada, selecionada, a presente discussão adota uma abordagem qualitativa utilizando a análise pragmática-discursiva, pois entende que “todo discurso é o resultado de condições históricas que determinam a sua produção ou o seu aparecimento” (Araújo, 2024a, p.13).

Nesta perspectiva, “não se pode analisá-lo sem levar em consideração tais condições, especialmente, em uma abordagem como esta, empreendida aqui” (Araújo, 2024a, p.13), em que os discursos demonstram sua ligação direta e material com o saber e o poder, sobretudo, nas suas práticas enquanto ato de linguagem que repercute no outro.

Em sua aula inaugural no Collège de France, A ordem do discurso, Foucault (1996) nos lembra, ao buscar criar uma teoria do discurso, que “por mais que o discurso seja aparentemente pouco coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (p.10). É justamente nas interdições discursivas que aparecem na “genuína ciência da linguagem” (Rajagopalan, 2008, p. 16) que este estudo encontra as brechas para questionar o conceito imanente de língua (Bakhtin, 2014; Makoni, Meinhof, 2006; Makoni, 2014; Makoni, Pennycook, 2015), o monolinguismo que desvaloriza o multilinguismo, o bilinguismo e o multiculturalismo na zona do não-ser (Derrida, 2001; Rajagopalan, 1998; Menezes de Souza, 2019), desmascarando uma suposta neutralidade científica (Rajagopalan, 2003a, 2003b, 2008) ao problematizar a sua incapacidade imanente para lidar com as questões [socio-]políticas que decorrem das ideologias linguísticas que estão por trás do racismo linguístico, da zona do não-ser, do desvio existencial e de toda sorte de agressões dos direitos linguísticos violados pela estrutura sistêmica da hegemonia monolíngue em que o ensino de língua (i.e., o ensino da língua materna) tem sido usado como “doutrinação política levada a cabo de modo velado, um bom exemplo de como os ‘aparelhos ideológicos do estado’ de Althusser (1996) funcionam no assujeitamento dos indivíduos” (Rajagopalan, 2008, p.18).

Ora, aqui se pode perceber a quem serve o monolinguismo e a sua ideia de língua ligada à noção ideal de nação. Talvez, seja nesse sentido que Aimé Césaire afirmava que a [ideia] de “nação é um fenômeno burguês...” assim como o que está por trás “do [seu modo de conceber o] homem e do humanismo – e vimos em que isso deu” (Césaire, p.73, ênfase do autor, adendo acrescentado).

Deste modo, é que se pode considerar que “o discurso da linguística como um campo do saber institucionalmente consolidado e vigiado por agentes devidamente autorizados pelos membros da comunidade dos linguistas é uma prática discursiva como outra qualquer” (Rajagopalan, 2003a, p. 76) em que os vestígios do desejo e do poder se encontram na ação interventora daqueles que, em dados momentos históricos, ajudam a direcionar os rumos da pesquisa e a controlar o processo evolutivo da própria disciplina. Somando a essas considerações em torno da crítica que se faz a “genuína ciência da

linguagem", há os trabalhos que discutem o papel da linguagem no processo de criação de identidades e manipulação da subjetividade pelo Estado (Gnerre, 1994; Foucault, 1995; Gonzáles, 2022; Geraldi, 2015; Lagares, 2018) e na criação da zona do não-ser e da linha abissal (Fanon, 2008; Sousa Santos, 2007), na manutenção das colonialidades (Quijano, 2009; Mignolo, 2019) etc., como foi dito logo na introdução.

Portanto, trata-se de um estudo que utiliza a análise pragmática do discurso, tributária da análise discursivo-desconstrutiva, ao considerar as condições históricas de produção dos discursos que dão sustentação a zona do não-ser, ao abismo existencial, a linha abissal, ao monolinguismo em face dessa fase de descolonização do ser e da linguagem (cf. Araújo, 2020; 2021; 2022; 2024a; 2024b; 2025a, 2025b, 2026) e das epistemologias do sul (Sousa Santos, 2007).

III. LÍNGUA[GEM] E A CONFLUÊNCIA COMO DIÁLOGO ENTRE COSMOLOGIAS

Por se tratar de um trabalho que propõe uma discussão teórica acerca da emergência de uma linguística voltado para os fenômenos que envolvem a linguagem nesse processo de descolonização do Sul Global que desfaz a zona do não-ser, os resultados esperados estão a cargo de demonstrar como tal emergência se materializa em práticas discursivas ao evidenciar as demandas e os desafios glotopolíticos que justificam o seu aparecimento, nesse Pós-futuro cujo tempo não é mais linear, mas "começo, meio e começo" (Santos, 2015; 2023).

No entanto, este estudo foi pensado, primeiramente, para lidar com as concepções de língua e de linguagem que estão fora do esquema sistêmico conhecido como monolinguismo, o qual foi responsável por difundir a ideologia linguística que forjou a zona do não-ser, o mercado de línguas, o racismo linguístico, a gramatização das línguas, a criação da linguística imanente etc. (cf. Auroux, 1992; Saussure, 1995; Gnerre, 1994; Bakhtin, 2014; Derrida, 2001; Fanon, 2008; Sousa Santos, 2007; Rajagopalan, 2003a, 2003b, 2008, 2014; Makoni, Meinhof, 2006; Makoni, 2014; Makoni, Pennycook, 2015; Mufwene, 2020; Araújo, 2016, 2022, 2025a, 2025b; Lagares, 2018; Menezes de Souza, 2019); para, em seguida, com os desdobramentos e deslocamentos da discussão, se pensar em uma proposta de educação linguística capaz de tornar mais aplicável a política de promoção da equidade racial em países como Brasil, onde se faz necessária a inclusão do ensino do pretuguês como uma forma de desfazer o desvio existencial, cuja linguagem, em atos coloniais, assujeitou a maior parte das populações na zona do não-ser, inculcando nelas um complexo de inferioridade responsável pelas anomalias afetivas, decorrentes do preconceito de raça e do racismo linguístico (cf. Fanon, 2008, 2022; Césaire, 2020; Araújo, 2024a; Gonzáles, 2020; Labov, 1982).

É por isso que "atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem" (Fanon, 2008, p.33), pois foi por intermédio da linguagem que se criou o abismo existencial e a zona do não-ser, o que significa dizer, em termos práticos, que não pode haver justiça global sem que haja a justiça cognitiva (Sousa Santos, 2007) com a qual se possa promover, com o auxílio da educação linguística, a confluência dos saberes dos povos das florestas e dos quilombolas, em suas emanações ancestrais no presente, com os saberes do norte global; ou seja, assegurar a equidade e a inclusão social dos saberes ancestrais que resistiram ao epistemicídio colonial (Santos, 2015, 2023; Santana, 2019; Araújo, 2022, 2024b), "em direção a um novo humanismo..." (Fanon, 2008, p.25).

De modo geral, os resultados concretos desse trabalho teórico, que indica caminhos para pensar a confluência de saberes e epistemologias, consistem em demonstrar como esse campo se formou a partir das percepções de Aimé Césaire (2020), Frantz Fanon (2008; 2022), Derrida (2001), Makoni e Meinhof (2006), Quijano (2009), Mignolo (2019), Labov (1982), Thiong'o (2025), Gnerre (1994), Lélia Gonzales (2020; 2022), Sousa Santos (2007), Nêgo Bispo (Santos, 2015, 2023), Araújo (2022; 2025b); ao mesmo tempo que as demandas do Sul Global e os desafios glotopolíticos desse tempo espiralar (ancestral) apontam para a necessidade de sua aplicação com vistas em lidar com os fenômenos decoloniais, em seu estado de violência contra a violência colonial, onde se encontra "uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra." (Krenak, 2020, p.22 apud Araújo, 2022, p. 88, ênfase acrescentada).

Nesta confluência de gestos, tem-se esta linguística decolonial que emerge, talvez como a outra face daquela que comenta Mufwene (2020), ou seja, uma versão mais engajada com o esperançar em confluência com o novo humanismo de que falava Fanon, ao seguir os passos de Aimé Césaire, cujos discursos revelaram os modos como o colonialismo inculcou "o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo" em homens e mulheres (Césaire, 2020, p. 25). E é procurando lidar com os fenômenos que visam desfazer esse processo de inculcação que a linguística decolonial se volta, confluindo com o esperançar na aurora desse outro tempo que se sobrepõe ao pós-futuro do mundo ocidental.

Em outras palavras, caberá a Linguística decolonial ajudar a desfazer os equívocos do monolinguismo com sua noção burguesa de nação associada a uma ideia de língua divergente com as experiências dos falantes [consciência epilinguística], com o modo como os atos de linguagem acontecem nas práticas discursivas e com as visões cosmológicas que resistiram às colonialidade do saber e ao abismo existencial que "minou civilizações, destruiu pátrias, arruinou nacionalidades, erradicou 'a raiz da diversidade'" (Césaire, 2020, p.75).

Diante deste cenário, ela servirá para ajudar a rever ainda concepções de currículo, de ensino de línguas, de educação linguística, orientar melhor as políticas linguísticas no Sul Global, contribuir com abordagens antirracistas e com as políticas de afirmação racial, além de valorizar e compreender o multilinguismo e o multiculturalismo, sem esquecer que despois da gramatização das línguas (pelo expansionismo europeu) em

Qualquer que seja a cultura, reencontramos sempre elementos de uma passagem do epilinguístico ao metalinguístico, quer se trata do aparecimento das palavras metalinguísticas (dizer, cantar etc.), de certas práticas de linguagem, de especulações sobre a identidade e a diferenciação linguística como o demonstra o exemplo dos índios [indígenas] da América (Auroux, 1992, p.18, retificação acrescentada).

Mas antes de tudo, será preciso libertar a língua da falsa imanência que está sob a ordem de uma vontade de saber subjugada pela vontade de verdade, e mantida pelo discurso da neutralidade e objetividade científicas que sustentam "a ideia de uma língua convencional, arbitrária, [que] é característica de toda corrente racionalista, bem como o paralelo estabelecido entre o código linguístico e o código matemático" (Bakhtin [Volochínov], 2014, p. 86, ênfase do autor, adendo acrescentado).

Foi assim que a linguística, enquanto disciplina que descreve as línguas como sistemas de signos arbitrários, guiou várias gerações de pesquisadores da língua[gem] a só se interessar pela "lógica interna do próprio sistema de signos, independentemente por completo das significações a eles se ligam" (Bakhtin [Volochínov], 2014, p. 86, ênfase do autor). E por que as questões ligadas às significações foram deixadas de fora?

A explicação que aparece na superfície dos discursos disciplinados pela própria linguística, tem a ver, como foi mostrado, há pouco, com a objetividade científica e com a suposta neutralidade que se exige de quem faz ciência cuja responsabilidade deve estar acima das considerações de cunho político e ideológico, ou seja, "a responsabilidade do pesquisador consistiria, de acordo com essa visão, em zelar pela verdade das 'coisas' que ele estuda" (Rajagopalan, 2003, p.44). Entretanto, sabe-se que há aí uma ideologia intrinsecamente ligada tanto ao monolinguismo quanto a universalização dos valores europeus por meio de uma vontade de verdade que atende aos interesses do colonialismo e da branquitude eurocentrada (cf. Auroux, 1992; Foucault, 1996).

Neste caso, a questão da verdade "também deve merecer nossa atenção" (Fanon, 2022, p.47), já que há uma vontade de verdade que usurpa o lugar do que é verdadeiro para dominar o poder e o saber (cf. Foucault, 1996; Araújo, 2020, 2025b).

A linguística decolonial, então, não pode ser pensada ignorando o problema da verdade. A sua emergência é resultado do verdadeiro "que precipita do desmantelamento do regime colonial" (Fanon, 2022, p. 47). Em outros termos, a sua existência está condicionada a lidar com os fenômenos linguísticos que estão a cargo de desfazer os equívocos criados por essa vontade de verdade e sua vontade de saber, as responsáveis pelo processo de denominação que, no dizer de Nêgo Bispo, "é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta [ou imposta]" (Santos, 2023, p.12, adendo acrescentado).

A título de exemplo, há os atos de fala "que fizeram do negro o meio caminho no desenvolvimento do macaco até o homem" (Fanon, 2008, p.33); os quais estão ligados ao complexo de inferioridade epidérmica como: "Isso é coisa de preto", "tem os pés na senzala", "cabelo ruim", "fedor de nego", "negro de alma branca", "negrinho", "a coisa está preta", "mãe preta", "preta raivosa" [toda mulher negra é barraqueira]", "negro sujo", "sub-raça", "mulata da cor do pecado", "raça amaldiçoada", "todo homem negro é violento", 'é pobre porque é preto", "religião de preto", "procure seu lugar, sua negrinha"; além da inferiorização das línguas que não têm uma tradição literária; da negação ou desvalorização da oralitura; do conceito imanente de língua que impacta na realidade cotidiana das pessoas por meio das políticas linguísticas.

No entanto, não se trata, apenas, em considerar que "o rótulo de linguística decolonial implica simplesmente reduzir o viés e a hegemonia ocidental na forma como as línguas do Sul Global e os comportamentos (socio)linguísticos de seus falantes e escritores são analisados", conforme pensa Mufwene (2020, p. 288; tradução minha).

Como se percebe, o problema da linguagem é importante demais para ser tratado de forma neutra, apolítica e excludente, sobretudo, no que se refere à não aceitação das informações fornecidas por falantes nativos do Sul Global, sob o argumento de que tais fenômenos

ocorrem de maneira uniforme em todo o mundo, presumindo-se que aquelas já obtidas pelos informantes europeus ou norte-americanos [brancos] são válidas e, portanto, suficientes (cf. Mufwene, 2020).

É a partir deste desencontro e da crítica sobre tal modelo que vem a necessidade de falar sobre a confluência de diferentes perspectivas e saberes como algo fundamental para uma abordagem mais equitativa, dialógica e representativa da linguagem dos povos do Sul Global (Santos, 2015, 2023), reconhecendo a importância das suas contribuições na construção do conhecimento linguístico, no novo humanismo de que fala Fanon (2008).

E aqui, a noção de confluência aparece como um meio de possibilidade de diálogo do Sul Global com o Norte Global, como uma forma de romper com a vontade de verdade que subverte a vontade de saber para manter a linguagem e o funcionamento da zona do não-ser sob a forma de colonialidades do saber e do poder (cf. Santos, 2015, 2023; Foucault, 1996; Fanon, 2008, 2022; Quijano, 2009; Mignolo, 2019).

Esta noção vem do pensamento contracolonial [quilombola] de Nêgo Bispo que a traduz como o encontro entre corpos vivos que estão indo na mesma direção, mas que, na divergência da peleja, decidem lançar mão do diálogo, percebendo as suas diferenças como diversidades, evitando os conflitos eminentes. E nestes termos, a confluência é arte de transformar a divergência conflitante em diversidade, como é o próprio cosmo com seus elementos e como a língua[gem] se articula em relações de oposição e solidariedade, a exemplo do que ocorre com os fonemas.

Contudo, para a linguística decolonial, a confluência não é apenas uma noção ou conceito, mas um princípio que fundamenta suas práticas e seu compromisso político com a justiça epistêmica, com os saberes locais, com os povos autóctones e com as desarticulações da zona do não-ser e das suas colonialidades, tendo em mente que “toda a cultura se institui pela imposição unilateral de alguma ‘política’ de língua. A magistralidade começa, como se sabe, pelo poder de nomear, de impor e legitimar designações” (Derrida, 2001, p.55).

É por meio de tal fundamento que se busca contribuir com o restabelecimento do diálogo das vozes no Sul Global e do Sul com o Norte Global, ao lidar com os fenômenos linguísticos que emergem da descolonização da zona do não-ser; isto é, do retorno ao começo – meio – começo. Neste sentido, confluência é um estado permanente de diálogo que reflete a diversidade do cosmo e das diversas cosmologias que o representa por meio das línguas e suas linguagens, materializadas em práticas discursivas e não-discursivas (dispositivos).

Em termos mais específico, trata-se em procurar compreender a língua[gem] como resultado de confluências, o que requer pensar em um conceito de língua[gem] como algo da ordem da confluência. Em outras palavras, é preciso olhar para línguas como gestos de confluência entre língua[gens], cosmologias, povos, poderes... levando em consideração as tensões criadas pelas relações de poder que ocorrem em sociedades como as nossas, principalmente, em atos como as práticas discursivas, as quais podem manter ou romper com esquemas de opressão (cf. Foucault, 1996; Araújo, 2020).

Em suma, esta é a sua responsabilidade ética e política que está em confluência com uma filosofia semelhante àquela do ubuntu, ou seja, assentada na ideia de um humanismo para com os outros, porque “O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas” (Fanon, 2008, p.26, ênfase do autor). Enfim, “um ser com os outros”.

IV. CONSIDERAÇÕES EM COMEÇO – MEIO – COMEÇO

A constatação da existência da linguística decolonial foi feita, neste artigo, por meio do discurso, essa entidade enunciativa capaz de expressar o “começo – meio – começo” enquanto tempo ancestral que remete as cosmovisões que resistiram ao jugo colonial e suas práticas discursivas. Por esse motivo que o caminho escolhido foi o da análise pragmática do discurso, ou seja, ela se volta para as práticas de linguagens procurando mostrar de que modo trabalhos como os de Fanon, Césaire, Thiong'o, Lélia Gonzáles, Nêgo Bispo, Derrida etc. tornaram possível seu aparecimento ao lidar com os complexos de inferioridade criados na linguagem cujos efeitos recaíram sobre as populações subjugadas pelo colonialismo eurocentrado, mais a crítica à linguística imanente feita por Bakhtin, Auroux, Makoni, Meinhof, Pennycook, Labov, Geraldi, Rajagopalan, Menezes de Souza...

Portanto, como se pode observar até o momento presente, nesse outro começo, ela é uma resposta teórica e política às necessidades de um mundo em transição rumo a uma outra ordem que faz do multiculturalismo e do multilateralismo seus indicadores de orientação política, cultural e econômica.

Atenta à configuração dessa nova ordem mundial, este empreendimento discursivo lançou mão de argumentos empoderados pelas emanações dos pensamentos que comprovam a sua emergência epistemológica, tomando como ponto de partida as discussões realizadas por autores como Aimé Césaire, Derrida, Lélia Gonzáles, Labov, Quijano, Krenak, Nêgo Bispo, Thiong’o, apoiando-se, principalmente, nos gestos de Frantz Fanon iniciados em Pele Negra: Máscaras Brancas.

Então, é por estas encruzas discursivas que se respondeu à questão inicial, ou seja, de que modo se pode falar em uma linguística decolonial? Contudo, este estudo também se valeu das discussões realizadas por pesquisadores que atestam a existência de uma linguística aplicada crítica que expressa a necessidade de uma nova abordagem que leve "em conta as preocupações sociopolíticas que marcam cada momento histórico pelo qual a disciplina passa" (Rajagopalan, 2003a, p.76).

A linguística decolonial também vai, assim, por esse caminho, indo na direção contrária ao paradigma criado pela visão imanente de língua, centrado no monolinguismo que conseguiu negligenciar não apenas as questões ligadas à variação linguística, mas também foi responsável por combater o multilinguismo, o bilinguismo, o multiculturalismo na busca do ideal monolíngue (Araújo, 2025b); embora assuma uma posição que vai muito além da crítica sobre o conceito imante de língua e sobre toda a problemática que emerge do monolinguismo hegemônico, ela opera um deslocamento epistemológico maior para lidar com os efeitos linguísticos nocivos que estão ligados ao abismo existencial e a zona do não-ser (cf. Fanon, 2008; 2022).

Como foi dito antes, ela se volta para tais fenômenos de forma mais direta e mais consciente de sua missão frente aos desafios glotopolíticos nesse tempo não-linear que é, sobretudo, ancestral, trazendo a força das epistemologias do Sul Global, num gesto político de convergência e de equidade, ou de justiça global, tendo uma posição política mais definidamente explícita.

Dessa forma, tal linguística também é um gesto contracolonial dos povos e dos saberes que resistiram à necropolítica e ao necropoder colonial, e, ao mesmo tempo, um gesto decolonial daqueles, em estado de descolonização, que acreditam na possibilidade do amor como um ato de coragem para transformar o mundo "nos fazendo cantar o canto estético dos pássaros que antecede a aurora" (Santana, 2019, p.76).

Enfim, essa nova linguística é uma forma de lidar com aquilo que o monolinguismo tentou conter combatendo a diversidade, o multilinguismo, o multicultural com a gramatização das línguas enquanto dispositivo linguístico usado para forjar a zona do não-ser e seu abismo existencial. Ela, enquanto prática social, não está dissociada das condições históricas de produção do tempo presente que assiste a sua emergência ligada às demandas do Sul Global nessa volta às cosmologias do começo – meio – começo, porque o mundo é diverso, cosmológico, natureza, orgânico. Então, trata-se de uma outra "Virada da Linguística" que se dá por causa dessa outra ordem mundial que surge diante de nós, nesse presente que assiste ao empoderamento do Sul Global.

Aqui, buscou-se mostrar que o gesto de Fanon, ao colocar a linguagem no centro das discussões sobre os modos como o colonialismo arruinou corpos negros, criando o complexo de inferioridade epidérmica, acabou contribuindo para o aparecimento desta linguística que vai se moldando as demandas do Sul Global e ao tempo em seu movimento espiralar: começo – meio – começo. Então, trata-se de um gesto político que emerge da crítica ao colonialismo, às colonialidades epistêmicas que dominam as humanidades e a necessidade de transformação da zona do não-ser nesse outro lugar que é o Sul Global.

Mas também não há como negar a contribuição do trabalho de Labov (1982) para o surgimento desta linguístico, sobretudo, na forma como ele procurou demonstrar como essa ruina se mantém na vida dos afro-americanos com a supervalorização do inglês do homem branco em detrimento da variedade usada pelas populações afro-americanas e aquelas usadas por imigrantes latino-americanos nos EUA (Araújo, 2025b).

Como se percebe até essas últimas linhas, a linguística decolonial está atenta a essa força que surge como voz do Sul Global contra ao colonialismo e seu monolinguismo representados hoje pela "hora americana. Violência, excesso, desperdício, mercantilismo, blefe, o comportamento de manada, estupidez, vulgaridade, desordem" (Césaire, 2020, p.75, ênfase acrescentada). O que exige a confluência do esperançar para promover o diálogo com o Norte Global em direção à outra ordem mundial e a outro tipo de humanismo. Em outras palavras, Exu matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje; é assim que se desfaz a zona do não-ser, com a pedra lançada hoje para desfazer as colonialidades de ontem, pois, como diria, Fanon, "acreditamos que o amor é possível, por isso tentamos detectar suas imperfeições, suas perversões" (Fanon, 2008, p.53). A conclusion section must be included and should indicate clearly the advantages, limitations, and possible applications of the paper. Although a conclusion may review the main points of the paper, do not replicate the abstract as the conclusion. A conclusion might elaborate on the importance of the work or suggest applications and extensions.

ACKNOWLEDGEMENTS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) e ao grupo de pesquisa POSLIDEN/UFMS, liderado pela professora Dra Patrícia Graciela da Rocha, pelo apoio institucional que possibilitou o desenvolvimento deste trabalho que é parte da pesquisa empreendida no estágio de pós-doutoramento

neste programa de pós-graduação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Aos meus ancestrais (do começo – meio – começo) pela resistência ao colonialismo que me fez chegar até aqui. A Exu, por cada palavra e gesto que fazem do meu corpo, um corpo que questiona e emana sua energia vital e cosmológica, no Sul Global em seu começo – meio – começo. Mojubá ao Senhor das encruzas, das vias, dos caminhos, das línguas e das linguagens!

REFERENCES

[1] ARAÚJO, Alex Pereira de. Decolonizing language and ethnic-racial relationships in Brazilian Portuguese teaching. International Journal of Language, Linguistics, Literature and Culture (IJLLLC), vol. 5, nº 1, jan./fev., 2026, p.55-71. DOI: https://doi.org/10.59009/ijlllc.2026.0179.Disponível em: https://ijlllc.org/decolonizing-language-and-ethnic-racial-relationships-in-brazilian-portuguese-teaching/ Acesso em 4 fev., 2026

[2] ARAÚJO, Alex Pereira de. The emergence of decolonial linguistics: a demand from the global south in the [ancestral] post-future. International Journal of Language, Linguistics, Literature and Culture (IJLLLC), vol. 4, nº 6, dez., 2025a, p.128-135. DOI: https://doi.org/10.59009/ijlllc.2025.0164. Disponível em: https://ijlllc.org/volume-4-issue-6-nov-dec-2025/ . Acesso em 30 dez., 2025

[3] ARAÚJO, Alex Pereira de. A variação linguística entre o político e o decolonial. In: ROCHA, Patrícia Graciela da; SOARES, Ivonete Nink; ORDONEZ, Linoel de Jesus Leal (org.). Linguagem, poder e ensino: debates sobre políticas e práticas educacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025b. DOI: https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-436-0.3 . Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2025/10/eBook_linguagem-poder.pdf

[4] ARAÚJO, Alex Pereira de. BNCC e o ensino de Português: uma normativa curricular para a língua [em face do pretuguês] ou a linguagem [dos falantes] sob força de lei? Tabuleiro de Letras, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 11–28, 2024a. DOI: 10.35499/tl.v18i1.19967. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/19967. Acesso em: 10 jun. 2025.

[5] ARAÚJO, Alex Pereira de. O silêncio de Exu na(s) cultura(s) negra(s) diaspórica(s): uma história de resistência da sua linguagem. Sankofa (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 17, n. 29, p. 136–159, 2024b. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2024.234265 . Disponível em: https://revistas.usp.br/sankofa/article/view/234265. Acesso em: 15 set. 2025.

[6] ARAÚJO, Alex Pereira de. A língua-linguagem como encruzilhada: desafios e implicações tradutórias de um conceito decolonial em elaboração. Língu@ Nostr@, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 76 - 99, 2022. DOI: https://doi.org/10.29327/232521.8.2-6. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/lnostra/article/view/13091. Acesso em: 10 mar. 2025.

[7] ARAÚJO, Alex Pereira de. Exu: the language as a crossroad in black diasporic culture(s). Academia Letters, article 3098, 2021. DOI: https://doi.org/10.20935/AL3098 . Acesso em out.2025.

[8] ARAÚJO, Alex Pereira de. A ordem do discurso de Michel Foucault: 50 anos de uma obra que revelou o jogo da rarefação dos sujeitos e a microfísica dos discursos. Unidad Sociológica, Buenos Aires, v. 19, n. 5, jun./-set., 2020. Disponível em: https://unidadsociologica.com.ar/UnidadSociologica192.pdf . Acesso em 30 dez. 2025.

[9] ARAÚJO, Alex Pereira de. A desconstrução da política linguística educacional: em foco a identidade do professor de português. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 11, n. 3, p. 1259–1280, 2016. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v11.n3.2827. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/2827. Acesso em: 9 mar. 2024.

[10] ARAÚJO, Alex Pereira de. QECR e o ensino de português língua estrangeira: autonomia e alteridade. In.: RIBEIRO, Maria d'Ajuda Alomba (Org.). Português como língua estrangeira na UESC: questões identitárias. – Ilhéus-BA: Editus, 2012. Disponível em: https://philpapers.org/archive/PERQEO.pdf. Acesso em 30 dez. 2025.

[11] AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. – Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1992. (Coleção Repertórios).

[12] BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHÍNOV]. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem. Apresentação de Marina Yaguello; prefácio de Roman Jakobson; tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 16ª edição – São Paulo: Hucitec, 2014.

[13] BENVENISTE, Émile. A classificação das línguas. In: Problemas de linguística geral I. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas-SP: Pontes, 2005.

[14] CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução Claudio Willer; Ilustração Marcelo D'Salete. – São Paulo: Veneta, 2020.

[15] DERRIDA, Jacques. O monolinguismo do outro ou a prótese de origem. Tradução Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001 (Coleção Campo da Filosofia – 7).

[16] FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e de Regina Salgado Campos. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

[17] FANON, Frantz. Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos. Tradução de Sebastião Nascimento; prefácio de Renato Nogueira; introdução e notas de Jean Khalfa. – São Paulo: Ubu Editora, 2020.

[18] FANON, Frantz. Pele negra, máscara branca. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

[19] FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[20] FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª edição – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
[21] FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
[22] FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção Leituras Filosóficas).
[23] FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.p. 231-249.
[24] FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
[25] FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
[26] GERALDI, João Wanderley. A ambiguidade dos letrados e o ensino da língua materna no Brasil. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, v. 5, n. 1, p. 108-121, 17 abr. 2015. Disponível em: https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/435. Acesso em 9 mar. 2025.
[27] GONZALES, Lélia. O golpe de 1964: o novo modelo econômico e a população negra. In: GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
[28] GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. – 1ª edição. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
[29] GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. – São Paulo: Martins Fontes, 1994.
[30] KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África. São Paulo: Ática-Unesco, 1980.
[31] LABOV, William. Objectivity and commitment in linguistic science: The case of the Black English trial in Ann Arbor. Language in Society, Volume 11, Issue 2, August 1982, pp. 165 – 201. DOI: https://doi.org/10.1017/S0047404500009192. Acesso em 9 ago. 2025.
[32] LAGARES, Xoán Carlos. Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos. SÃO PAULO: Parábola, 2018.
[33] MAKONI, Sinfree. Uma crítica sobre língua, lingualização e supervernáculo. In: CORREA, Djane Antonucci (org.). Política linguística e ensino de língua. São Paulos: Pontes, 2014.
[34] MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. Desinventando e (re)constituindo línguas. Tradução de Cristine Gorski Severo. Working Papers em Linguística, Florianópolis, v. 16, n. 2, dez., 2015. DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p9. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p9. Acesso em: 11 ago. 2025.
[35] MAKONI, Sinfree; MEINHOF, Ulrike. Linguística aplicada na África: desconstruindo a Noção de 'Língua'. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). Por uma linguística aplicada INDISCIPLINAR. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (col. Língua[gem]; 19). p. 191-213.
[36] MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. In: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Claudia Jotto (org.). Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.
[37] MIGNOLO, Walter. Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1ª ed. rev. – Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2020.
[38] MUFWENE, Salikoko Sangol. Decolonial linguistics as paradigm shift A commentary. In: DEUMERT, Ana; STORCH, Anne (org.). Colonial and decolonial linguistics: Knowledges and epistemes. Oxford University Press, 2020. p. 289–300 DOI: https://doi.org/10.1093/oso/9780198793205.003.0018 . Acesso em: 9 set. 2025.
[39] QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In.: SOUSA SANTOS, Boaventura de.; Meneses, Maria Paula. Epistemologias do Sul. – Coimbra: Edições Almedina, (CES), 2009.
[40] RAJAGOPALAN, Kanavillil. Que espera sempre alcança, mas aquele que sempre estiveram por baixo já não aguentam mais esperar. In: MELO, Cristina Valim de (Org.). Linguística aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade. Vol. 2. – Rio de Janeiro: Mórula, 2023.
[41] RAJAGOPALAN, Kanavillil. O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística de seu país. In: CORREA, Djane Antonucci (Org.). Política linguística e ensino de língua. São Paulos: Pontes, 2014.
[42] RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguagem o santo graal da linguística. Tradução de Daniel do Nascimento e Silva. In: SIGNORINI, Inês (org.). Situar a língua[gem]. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
[43] RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003a.
[44] RAJAGOPALAN, Kanavillil. Kanavillil Rajagopalan. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). Conversas com linguistas: virtudes e conversas da linguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003b.
[45] RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.) Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado - Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp. 1998. (Letramento, Educação e Sociedade).

[46] SANTANA, Tiganá. Tradução, interações e cosmologias africanas. Cad. Trad., Florianópolis, v.39, nº esp., p.65-77, set-dez, 2019.
[47] SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. Imagens de Santídio Pereira – São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
[48] SANTOS, Antônio Bispo dos. Quilombos, Modos e Significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.
[49] SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
[50] SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (org.). – 6ª edição – Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
[51] SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2023.
[52] SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estud. CEBRAP (79), nov. 2007. p. 71-94. https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 10 maio.2025.
[53] THIONG'O, Ngũgĩ wa. Descolonizando a mente: a política linguística na literatura africana. Tradução Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2025.